

Instituições são contra participação no provão

Presidente de federação afirma que exame é inútil para garantir boa formação de médicos

BRASÍLIA — As principais instituições médicas brasileiras vão lutar contra a realização do provão nas escolas de medicina, com apoio das associações de professores da área. Em favor da reivindicação, os médicos apresentam o estudo feito por essas instituições, reunidas na Comissão Interinstitucional de Avaliação do Ensino Médico (Cinaem), que foi iniciado em 1991 e — pela primeira vez na universidade — não se limitou à aplicação de uma prova final, fazendo um acompanhamento dos alunos em seus últimos anos de formação.

“Não temos um problema existencial em relação ao provão, mas ele é inútil para garantir a formação de médicos capazes de dar atendimento com qualidade ao cidadão”, afirma o presidente da Federação Nacional dos Médicos, Eurípides Carvalho. “Se a proposta do Ministério da Educação for séria, nosso processo de avaliação vai ser adotado.”

Na pesquisa da Cinaem, os estudantes submeteram-se a um teste no início do último ano de curso e a outro no fim. Além disso, fizeram uma espécie de prova prática, atendendo um paciente enquanto eram observados por um professor, que preencheu uma ficha de avaliação, com 78 itens a serem considerados. Ao contrário do provão, porém, todo o processo é voluntário.

Participação pequena — Além disso, nem todos fizeram todas as avaliações previstas. Das 47 escolas participantes, só 41 submeteram os alunos ao primeiro

teste e apenas 39 aplicaram os dois testes escritos. A avaliação da consulta foi feita com alunos de apenas 14 escolas. Os pesquisadores argumentam que o processo escolhido permite um cálculo estatístico sobre o desempenho das escolas e tende a alcançar um número cada vez maior de faculdades, dando mais informações para os interessados em aperfeiçoar o ensino.

“A avaliação como é proposta pelo Ministério da Educação transforma a vítima da má-educação em réu”, afirma o coordenador da pesquisa, Roberto Piccini. “O nosso método permite correção de erros e, com o tempo, seleciona quem está disposto a melhorar”, diz ele.

“O provão não permite mostrar qual escola é boa e qual é ruim, porque nossa avaliação mostrou que todas estão muito próximas da média”, argumenta o pesquisador Edmundo Gallo.

Para os integrantes da Cinaem, o Ministério da Educação (MEC) já tem instrumentos semelhantes ao provão para selecionar profissionais de medicina. Um

exemplo são os testes aplicados ao fim do curso para os interessados em fazer residência médica.

A resistência contra o provão feita pela comissão não é pequena. Ela reúne as dez principais associações de medicina do País, entre elas o Conselho Federal de Medicina, a Associação Médica Brasileira e a Federação Nacional dos Médicos. “Se o Ministério insistir com o provão na medicina, vai criar um problema, porque nesse caso, ao contrário das outras áreas do conhecimento, já havia um processo de avaliação em curso”, resume o representante da Associação Nacional dos Docentes (Andes) na Cinaem, Francisco Arruda. (S.L.)

AVALIAÇÃO
TRANSFORMA
ALUNO EM RÉU,
DIZ PICCINI